Cientista acusa cubanos de espionagem

Maurício Corrêa

BRASÍLIA — No ano passado, quando integrava uma expedição científica patrocinada pela Unesco, na Amazônia, a professora e pesquisadora Dóris Santos Faria, da Universidade de Brasília, começou a desconfiar que alguns cubanos, integrantes do grupo, demonstravam não apenas um estranho comportamento, como, também, ignoravam conhecimentos absolutamente indispensáveis aos especialistas do mundo científico. Suas dúvidas só se tornaram claras no dia 1º de julho de 1987, quando a cubana Ketty Marlene Abuin Pena, que participava da expedição, pediu asilo político ao Brasil. Agora, Dóris Santos Faria — que prepara uma tese de doutorado sobre o comportamento de primatas — está encaminhando os originais de um livro à Editora da Universidade de Brasília, onde denuncia que a expedição, na realidade, foi a cobertura encontrada pelo serviço secreto cubano para infiltrar vários oficiais na região amazônica, na área do Projeto Calha Norte, numa ousada operação de espionagem.

Desde essa época houve esfriamento nas relações entre Brasília e Havana. O embaixador cubano no Brasil, Jorge Bolanos, chegou a solicitar, pelos canais oficiais, audiência com os ministros militares, que não quiseram recebê-lo, enquanto à empresa Copersucar — que pretendia aprofundar um acordo comercial com Havana — foi sugerido, sem nenhum volteio, que não aumentasse o seu intercâmbio na área de açúcar e álcool com entidades cubanas.

Além disso, o episódio adicionou mais algumas pitadas na histórica animosidade entre o Itamarati e os serviços secretos brasileiros. O Ministério das Relações Exteriores preferiu ver no pedido de asilo de Ketty Pena apenas um caso de "problema matrimonial", motivado pela tensão das muitas semanas na selva amazônica. O marido de Ketty também fazia parte do grupo.

Segundo fontes brasileiras da área de informação, porém, a explosão emocional de Ketty Peña não foi motivada apenas por questões familiares. O seu pedido de asilo ao Brasil decorreu apenas três dias depois que um general da Força Aérea de Cuba, Rafael del Pino — subchefe do Estado-Maior das Forças Armadas —, colocou toda a família num pequeno avião e desertou para Miami, desiludido com o regime que ajudou a construir. Del Pino tinha acesso a informações ultra-secretas do governo cubano. Na expedição foram identificados pelo menos dois integrantes do serviço secreto de Havana: o coronel José Luiz Padrón e o sargento Jorge Cardenas.

A professora Dóris Santos, de 38 anos, formou-se em Psicologia, mas especializou-se em estudos sobre o comportamento animal. Tornou-se uma primatologista (especializada em macacos), com vasta experiência em expedições na Amazônia, onde aprendeu a conhecer equipamentos de medição, comunicações e mapeamento. Foi exatamente o uso constante de equipamentos sofisticados, que nenhuma relação tinham com uma expedição na Amazônia, que fez brotar nela as primeiras desconfianças em relação aos cubanos da expedição.

Hoje, ela evita comentar o assunto, dizendo que a sua posição ficará inteiramente clara no livro que pretende submeter à UnB. Definindo-se como uma "socialista convicta e preocupada com as lutas das mulheres e da sociedade em geral", Dóris Santos Lima admite que existe um patrulhamento com relação ao seu livro contando as peripécias desastradas do serviço secreto cubano na Amazônia. No seu entendimento, quando os cubanos da expedição fizeram todas as pressões "possíveis e imaginárias" para que Ketty Peña revisse o seu pedido de asilo e, após 30 dias, voltasse a Havana, Ketty foi "estraçalhada como ser humano, numa questão que está acima das ideologias e da política".

Reprodução — Revista Humanidades

A expedição em foto da própria Dóris: apenas uma fachada

Livro vai contar história toda

A expedição batizada de *Em Canoas do Amazonas ao Caribe*, patrocinada pela Unesco, foi aprovada na IV Conferência Ibero-Americana, realizada na Costa Rica, em abril de 1986. Seria integrada por equatorianos, peruanos, colombianos, venezuelanos, caribenhos, espanhóis e por Dóris, a única cientista do Brasil. A viagem começou em Quito (Equador) em 25 de fevereiro de 1987. Seguiu para Iquitos, no Peru, depois Colômbia, penetrando em território brasileiro no dia 25 de abril, através de Tabatinga, na fronteira com a Colômbia. Aí, mais dois cientistas brasileiros se integraram ao grupo.

Em São Gabriel da Cachoeira, no Rio Negro (AM), Dóris Santos Faria desligou-se do grupo, quando Ketty Pena dinamitou a expedição com o pedido de asilo político ao Brasil. Ketty integrava o grupo como secretária do coordenador da expedição, o espeleólogo Nunez Jimenez, um dos vice-ministros da Cultura de Cuba.

Dóris Santos Faria está se retirando da presidência da Associação dos Docentes da UnB, o que também a deixa à vontade na denúncia contra os cubanos — ela não seria eleita para o cargo, se tivesse posições conservadoras, conforme argumentam seus próprios colegas de docência.

No seu livro, ela mostrará que o grosso de agentes do serviço secreto cubano foi infiltrado através do chamado "pessoal de apoio logístico" aos cientistas da expedição. Eram cinco cubanos cientistas e onze no apoio. A própria Ketty Pena, durante os 30 dias que passou no apartamento de Dóris, em Brasília, indecisa entre o desejo de ficar no Brasil e as pressões de seu compatriotas, relacionou os verdadeiros nomes e postos de alguns integrantes do grupo de apoio, no serviço secreto.

No livro, Dóris mostrará que os cubanos, na Amazônia, com certeza utilizavam equipamentos para comunicações via satélite, justamente numa região onde o governo brasileiro, através do Conselho de Segurança Nacional, procura fazer investimentos para ocupar o território, considerado estratégico. (M.C.)